

A Espreguiçadeira.

Thomas Mann. *A Montanha Mágica*. Capítulo IV. Excerto.

Quando voltaram ao quarto de Hans Castorp, depois do almoço, já se encontrava ali, numa cadeira, o embrulho dos cobertores; e nesse dia o jovem serviu-se deles pela primeira vez. Joachim, mais experiente na arte de se agasalhar, que todos exerciam ali em cima e os recém chegados tinham de aprender, mostrou-lhe como fazê-lo. Os cobertores deviam ser estendidos, um após outro, sobre a espreguiçadeira, de maneira que um bom pedaço deles sobrasse no lugar dos pés. A seguir, a gente sentava-se na cadeira e começava a envolver-se no cobertor superior, primeiro de um lado em todo o comprimento, até as axilas, depois na parte de baixo, por cima dos pés, o que requeria que a pessoa se soerguesse, se inclinasse para a frente e apanhasse as camadas da extremidade dobrada, e por fim do outro lado, sendo importante ajustar cuidadosamente a ponta dupla às bordas da cadeira, a fim de se conseguir um máximo de lisura e regularidade. Em seguida, procedia-se da mesma forma com o cobertor de baixo, que era um pouco mais difícil de manejar, Hans Castorp, como noviço desajeitado, não cessava de gemer, enquanto, ora curvado, ora reclinado, treinava os movimentos que Joachim lhe ensinara.

– Só mesmo alguns veteranos – disse o primo – sabem jogar simultaneamente os dois cobertores por cima do corpo, com apenas três manobras precisas. É uma habilidade rara e invejada, que exige não somente anos de prática mas também um talento natural. – Essas últimas palavras fizeram com que Hans Castorp estourasse de riso, deixando-se cair para trás, sobre as costas doloridas. Joachim, que no primeiro instante não compreendera o que havia nisso de cómico, olhou-o com um ar incerto, e depois também desatou a rir.

– Feito! – disse quando Hans Castorp, exausto de toda essa ginástica, arrumado em forma de cilindro, e como que sem membros, estava estendido na espreguiçadeira, com o rolo elástico por baixo da nuca – mesmo que fizesse uns vinte graus abaixo de zero, nada lhe poderia acontecer agora – Com isso desapareceu atrás da divisão de vidro, para se agasalhar a si próprio.

Essa coisa dos vinte graus abaixo de zero parecia bastante duvidosa a Hans Castorp, que se ressentia muito do frio. Repetidas vezes, calafrios lhe passaram pelo corpo, enquanto contemplava, através das arcadas de madeira, a humidade que lá fora caía, pingando, garoando, e dando a impressão de estar a ponto de se transformar, de um momento para outro, em nova nevada. Era, porém, estranho que, não obstante o tempo húmido, ele continuasse com o rosto seco e ardente, como se se achasse num quarto superaquecido. Ademais, sentia-se ridiculamente cansado em virtude dos exercícios realizados para envolver-se nos cobertores. Com efeito, o Ocean steamships tremia-lhe nas mãos quando o aproximava dos olhos. Era evidente que a sua saúde não era lá muito boa – “totalmente anêmico”, dissera o Dr. Behrens –, e por isso incomodava-se tanto com o frio. Mas essas sensações desagradáveis eram compensadas pela grande comodidade da sua posição, pelas qualidades insondáveis e quase misteriosas dessa espreguiçadeira, que Hans Castorp já descobrira, entusiasmado, quando da estreia, e que voltavam a comprovar-se de modo sumamente ameno. Fosse devido ao tipo das almofadas, à inclinação conveniente do encosto, à altura e largura acertadas dos braços, ou talvez à consistência apropriada do rolo atrás da nuca – em todo caso era impossível imaginar um método mais humano para garantir o bem-estar de membros em repouso do que os serviços dessa cadeira perfeita. E grande satisfação invadia a alma de Hans Castorp, ao pensar nas duas horas vazias, cheias de paz assegurada, que tinha à sua frente, essas horas sagradas que o regulamento da casa destinava ao repouso principal, e que ele, apesar de ser um simples visitante, aprovava como uma instituição inteiramente adequada ao seu caráter. Pois Hans Castorp era paciente por natureza, e bem capaz de passar muito tempo sem nada fazer. Conforme nos recordamos, adorava esse lazer que nenhuma atividade atordoadora ousa obliterar, consumir, afugentar. Às quatro horas iria tomar o chá da

tarde, com bolo e confeitos; depois haveria um novo repouso na espreguiçadeira; às sete, vinha o jantar, que, como todas as refeições, ofereceria algumas sensações e certos aspectos curiosos, dignos de serem aguardados com prazer; depois, alguns olhares no interior da caixa estereoscópica, no caleidoscópio em forma de luneta, e no tambor cinematográfico... Hans Castorp já sabia de cor o programa do dia, ainda que fosse exagero dizer que já se “aclimatara” perfeitamente.

No fundo constitui fenómeno esquisito esse processo de aclimação num lugar estranho, a adaptação – por mais laboriosa que seja – e a mudança de hábitos à qual as pessoas se submetem só para variar e na intenção firme de abandoná-la imediatamente ou pouco depois de completada, a fim de voltarem ao estado anterior. Intercala-se tal processo como uma espécie de interrupção ou entreacto, no curso principal da vida, e isso para fins de “restabelecimento”, quer dizer, para exercitar, renovar e revolucionar o organismo que corria perigo, e já estava a ponto de se amimalhar, de enlanguescer e de entibiar, na desarticulada monotonia da existência rotineira (A Montanha Mágica, Capítulo IV, excerto).

Thomas Mann. *A Montanha Mágica*. Capítulo VI. Excerto.

James Tienappel, que Hans Castorp chamava “tio James” ou simplesmente “James”, era um homem de pernas longas, à beira dos quarenta, que trajava ternos de tecidos ingleses e roupa de baixo de nívea alvura; tinha cabelos de um amarelo canário, olhos azuis, pouco distantes entre si, um bigodinho de palha, semi-aparado, e mãos cuidadosamente tratadas. Esposo e pai havia alguns anos, nem por isso se vira forçado a abandonar a espaçosa vivenda do velho cônsul, à Avenida de Harvestehude; desposara uma moça da sua classe social, que era tão civilizada e distinta quanto ele e falava da mesma maneira suave, acelerada, correta e polida. Lá em baixo, era considerado um homem de negócios muito enérgico, circunspecto e – apesar de toda a sua elegância – friamente realista. Mas, num ambiente onde reinavam costumes diferentes, por ocasião de viagens, pelo sul da Alemanha, por exemplo, assumia certa atitude de adaptação precipitada, uma pressurosa e cortês tendência para renegar a si mesmo, que absolutamente não revelava uma falta de fé na própria cultura, senão, ao contrário, a consciência da limitação que a fazia forte, bem como o desejo de corrigir o seu particularismo aristocrático e de não deixar perceber a menor surpresa diante de formas de existência que lhe pareciam incríveis. “Claro, perfeitamente, compreendo”, apressava-se a dizer, para que ninguém pensasse que ele, embora distinto, era um espírito estreito. Chegara a Davos com uma missão precisa e concreta, com o encargo e na intenção de intervir com firmeza na situação do parente pachorrento, de “arranca-lo”, segundo ele mesmo dizia, e de devolvê-lo ao lar. E, todavia, não deixara de perceber que estava operando em terreno estranho. Desde o primeiro momento sentira-se acolhido por um mundo singular, um ambiente moral cuja segurança de si próprio não era menos forte do que a sua, e até a ultrapassava. Aconteceu assim que a sua energia de homem de negócios entrou imediatamente num conflito com a sua boa educação, e mesmo num conflito dos mais graves, uma vez que a confiança ativa desse ambiente novo se manifestava deveras esmagadora.

Era precisamente isso o que previra Hans Castorp, quando, no seu íntimo, respondera ao cônsul com um sereno “Como quiser”. Mas não há motivo para acreditar que o sobrinho conscientemente tirasse partido, contra o seu tio, da força de carácter do mundo ambiente. Hans Castorp já estava por demais identificado com esse meio para que pudesse proceder assim. Não era ele quem se valia dessa força; pelo contrário, tudo ocorria com a simplicidade mais natural, a partir do momento em que o primeiro pressentimento da inutilidade da sua empresa vagamente roçou o espírito do cônsul, até o clímax e o desfecho, que Hans Castorp, apesar de tudo, não pôde deixar de acompanhar com um sorriso melancólico.

Na primeira manhã, depois do café, durante o qual o veterano apresentou o visitante à roda dos comensais, Tienappel travou conhecimento com o Dr. Behrens, que, comprido e corado,

remando com as mãos, atravessava a sala em companhia do assistente pálido, vestido de preto, e passava de mesa em mesa com o seu retórico “Dormiu bem?” de todos os dias. E o cônsul ficou sabendo, da parte do conselheiro, que não somente era uma excelente ideia fazer companhia ao *neveu* solitário, mas que isso parecia recomendável também no seu próprio interesse, porque, evidentemente, estava muito anêmico. Anêmico, ele, Tienappel? – E bastante! – retrucou Behrens, enquanto, com o indicador, abaixava uma das pálpebras inferiores do cônsul. – No mais alto grau – acrescentou. – O senhor faria muito bem se durante algumas semanas se instalasse comodamente na sacada, estendendo-se na espreguiçadeira e imitando em todos os pontos o exemplo de seu sobrinho. No seu estado, o procedimento mais inteligente é portar-se como se estivesse atacado de uma leve tuberculosis pulmonum, que, aliás, existe latente em todas as pessoas.

– Perfeitamente, compreendo – apressou-se o cônsul a responder. Com os olhos acompanhando por um instante a figura do médico, com a nuca saliente, que remava ao se afastar, deixou-se ficar com a boca semiaberta, numa atitude polida e pressurosa, ao passo que Hans Castorp, a seu lado, se mantinha perfeitamente calmo e impassível. Depois começaram o passeio em direção ao banco junto do curso de água, que era o que o momento exigia. A seguir, James Tienappel fez a sua primeira hora de repouso, instruído por Hans Castorp, que, além do *plaid* que o tio trouxera consigo, lhe emprestou ainda um dos seus cobertores de lã de camelo – por causa do bom tempo outonal bastava-lhe sobejamente um só cobertor – e lhe ensinou com todo o cuidado, manobra por manobra, a arte tradicional de se enrolar. Mesmo depois de o cônsul já se achar agasalhado e convertido numa múmia lisa e cilíndrica, o sobrinho desmanchou tudo e mandou o tio repetir o processo inteiro, corrigindo-o apenas em caso de necessidade.

Mostrou-lhe ainda como o guarda-sol era fixado na cadeira e orientado em relação ao sol. O cônsul pôs-se a agradecer. O espírito da planície era ainda forte nele e fê-lo zombar daquilo que aprendia, assim como já zombara da extensão preestabelecida do passeio que haviam dado depois do café. Mas, ao ver o sorriso plácido e incompreensivo com que o sobrinho acolhia as suas ironias, e no qual se espelhava toda a confiança serena que inspirava a tradição local, assustou-se, temeu pela sua energia de negociante e resolveu solicitar a entrevista decisiva com o conselheiro, sem demora, o mais rápido possível, nessa mesma tarde, quando ainda pudesse conduzi-la com as forças e ideias lá de baixo. Pois sentia que estas iam diminuindo, e que o espírito do lugar, aliado à sua boa educação, constituía adversário perigoso.

Notou além disso que o médico lhe dera um conselho totalmente supérfluo, ao sugerir-lhe que, em virtude da sua anemia, se submetesse ao regime dos enfermos; evidenciou-se que isso vinha por si mesmo, que, aparentemente, não se podia imaginar nenhuma outra alternativa, e de antemão era impossível para um homem bem-educado como ele discernir até que ponto a tranquilidade e a imperturbável segurança de Hans Castorp criavam essa aparência, e até onde essa impossibilidade existia real e irrestritamente. O fato de o segundo café da manhã sumamente abundante seguir-se ao primeiro repouso pareceu-lhe apenas natural, e dessa refeição resultou, de um modo convincente, o passeio até Davos-Platz, depois do qual Hans Castorp tornou a embrulhar o tio. Embrulhou-o – essa é a palavra adequada. E ao sol de outono, numa cadeira cujo conforto era indiscutível e mesmo digno dos mais altos elogios, deixou-o estendido, assim como ele próprio ficava, até que o ribombante gongo os convidou a tomar, em companhia dos demais pensionistas, o almoço, que estava excelente, saporosíssimo, e era de tal maneira farto, que o subsequente repouso geral se afigurava, não como um mero hábito exterior, senão como uma necessidade interior, à qual todos se submetiam por convicção pessoal. Isso continuou até o estupendo jantar e a reunião nocturna no salão, em torno dos instrumentos ópticos. Nada havia que objectar contra uma ordem do dia que se impunha com tão branda naturalidade; ela não teria oferecido nenhuma oportunidade para objecções, mesmo que as capacidades críticas do cônsul não se encontrassem minguadas em virtude do seu estado, que ele não queria qualificar

precisamente de mal-estar, mas que representava uma combinação desagradável de fadiga e excitação, acrescida de calor e de frio.

A fim de marcar uma hora para a ansiosamente almejada entrevista com o conselheiro Behrens, James Tienappel seguiu a via hierárquica. Hans Castorp dirigira o requerimento ao massagista, que o encaminhara à Superiora, cuja pessoa singular o Cônsul Tienappel chegou a conhecer nessa ocasião. Surgiu ela na sua sacada, onde o achou deitado, e suas maneiras estranhas sujeitaram a dura prova a boa educação do cônsul, estendido sem defesa no invólucro cilíndrico dos cobertores. Que o prezado rapaz – assim se expressou a enfermeira-chefe – tivesse paciência durante alguns dias, pois o conselheiro andava atarefado com intervenções cirúrgicas e exames gerais. A humanidade sofredora tinha preferência, em conformidade com a ética cristã, e como o cônsul alegasse estar bem de saúde, devia acostumar-se ao fato de não ser ali em cima o número 1 e de ter de esperar na fila até chegar a sua vez. Seria diferente se porventura quisesse pedir um exame médico, o que a ela, Adriática, não causaria espécie. Bastava olhar-lhe os olhos, assim de perto, para ver que estavam turvos e irrequietos. A julgar pelo seu aspecto, absolutamente não dava a impressão de estar com o organismo em perfeita ordem; que a compreendesse bem: não lhe parecia lá muito limpo... Tratava-se de saber – terminou a Superiora – se o cônsul desejava uma consulta ou uma entrevista de carácter particular.

– Uma entrevista particular, naturalmente – assegurou o cônsul, do seu leito.

Nesse caso devia esperar até que fosse chamado. O conselheiro não dispunha de muito tempo para entrevistas particulares.

Numa palavra, tudo se passou de modo bem diverso daquele que James imaginara. A conversa com a Superiora abalara-lhe consideravelmente o equilíbrio. Por demais civilizado para dirigir-se com desabrida franqueza ao sobrinho cuja calma impassível demonstrava o pleno acordo em que Hans Castorp se achava com os fenómenos ali de cima, e para dizer-lhe quão horrorosa lhe parecia aquela megera, limitou-se a sondar cautelosamente o terreno. Fez notar que a Superiora era, sem dúvida, uma senhora muito original, o que o sobrinho admitiu em parte, após ter lançado ao ar um olhar vagamente interrogador. Perguntou por sua vez ao tio se a Mylendonk lhe vendera um termómetro. – Não! A mim? Ela costuma fazer isso? – tornou o tio...

Mas a fisionomia do sobrinho demonstrava claramente – e isso era o pior – que ele não se teria admirado nem um pouquinho se o contrário tivesse acontecido. “Nós não sentimos o frio”, podia-se ler no rosto de Hans Castorp. O cônsul, porém, ressentia-se do frio, ressentia-se dele sem cessar, apesar de a cabeça lhe arder. Se a Superiora realmente lhe houvesse oferecido um termómetro – disse ele de si para si –, decerto o teria rejeitado; mas talvez tivesse feito mal, porquanto não convinha a um homem civilizado usar o termómetro de outra pessoa, como, por exemplo, o do sobrinho.

Assim decorreram alguns dias, uns quatro ou cinco. A vida do emissário avançava sobre trilhos – sobre os trilhos que se achavam preparados para ela, e dos quais parecia inimaginável apartar-se. O cônsul fez experiências, recebeu impressões – não nos queremos dar o trabalho de observa-lo nessa empresa. Um belo dia, no quarto de Hans Castorp, apanhou uma chapinha de vidro preto que, recostada num minúsculo cavalete lavrado, se achava na cómoda, junto com outros objectos pessoais com que o morador do asseado aposento comprazia-se em adorná-lo.

Mantendo-a contra a luz, verificou tratar-se de um negativo fotográfico. – Que é isso? – perguntou o tio, enquanto o olhava... Havia motivo para perguntar assim. O retrato não tinha cabeça; era o esqueleto de um torso humano, envolto numa névoa de carne um torso feminino, segundo se podia reconhecer. – Isso? É uma lembrança – disse Hans Castorp. Ao que o tio replicou: – Perdão! – Repôs o retrato no cavalete e afastou-se depressa. Isto é apenas um exemplo das experiências e das impressões por que James Tienappel passou nesses quatro ou cinco dias. Participou também de uma conferência do Dr. Krokowski, uma vez que era impossível não fazê-lo. E quanto à ambicionada entrevista particular com o Dr. Behrens, teve a

satisfação de obtê-la no sexto dia. Marcaram-lhe uma hora, e depois do café da manhã desceu ao subsolo, decidido a dizer algumas palavras enérgicas a respeito de seu sobrinho e do tempo que este desperdiçava ali (A Montanha Mágica, Capítulo 6, excerto).